



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

PAISAGENS "SÓCIO-SEXUAIS" DE BRASÍLIA:

O CASO DA W3 NORTE

BRASILIA'S "SOCIO-SEXUALS" LANDSCAPES:

THE W3 NORTH CASE

Marcelo Augusto De Almeida Teixeira
Universidade de Brasília - UnB
marceloalmeidaarquiteto@gmail.com

Resumo

A partir dos enlaces da Teoria *Queer* com a Sociologia e a Geografia das Sexualidades e Arquitetura, o artigo analisa o caso da avenida W3 Norte, em Brasília, como um exemplo de "paisagem sócio-sexual", implicada na construção de subjetividades, corporalidades, sexualidades e imaginário sexual urbano. Analisa também a W3 de acordo com a "Teoria dos Mercados Sexuais", como participante de um mercado mais amplo estruturado pelo Plano Piloto de Brasília, com repercussões na vida sexual de indivíduos e grupos. Em uma cidade popularmente acusada de ser deserta à noite, a W3 Norte torna-se não só um local de vida erótica em Brasília, mas também de vida urbana e questionadora de fronteiras espaciais e identitárias, de gêneros e orientações sexuais.

Palavras-chave

Brasília. Sociologia. Geografia. Arquitetura. Espaço. Sexualidade.

Abstract

The article analyses the case of the W3 Norte Avenue, in Brasilia, as an example of a "socio-sexual landscape", implied in the construction of subjectivities, corporealities, sexualities and urban sexual imaginary. It also analyses the W3 according to the "Theory of the Sex



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

Markets", as a participant of a broader market structured by the Pilot Plan of Brasilia, with repercussions on the sexual life of individuals and groups. In a city popularly accused of being deserted at night, the W3 Norte becomes not only a place of erotic life in Brasilia, but also of urban life and a questioner of spatial and identity, gender and sexual orientations boundaries.

Keywords

Brasília. Sociology. Geography. Architecture. Space. Sexuality.

1. Introdução

O que Lúcio Costa, Brasília e a "Teoria *Queer*" teriam em comum? Para responder a essa relação, é necessário antes investigar como a Arquitetura e o Urbanismo dialogam com a Geografia e a Sociologia das Sexualidades, além de teóricos *queers*, para apontar como o traçado de Costa para o Plano Piloto de Brasília abrigaria as "paisagens sócio-sexuais" da nova capital brasileira. Para a socióloga [Leticia Sabsay](#) (2011) as cidades têm "fronteiras sexuais" que não só compõem essas paisagens como também as reproduzem (e são produzidas) performativamente, inserindo-as no imaginário erótico cidadão. Ainda, as cidades também abrigam "mercados sexuais" ([LAUMANN et al](#); 2004), que são estruturas sociais, culturais e físicas construídas coletivamente e que canalizam ou restringem a possibilidade de parcerias sexuais de seus moradores. Essas estruturas relacionam-se com o ambiente construído e a morfologia das cidades. Assim, pela perspectiva *queer* em geral não essencialista da sexualidade humana e que também considera o espaço físico na sedimentação de corporalidades e subjetividades sexuais - o Plano Piloto de Brasília abre-se para novas abordagens analíticas e críticas: Costa, ao projetar uma nova cidade ex nihilo, pavimentou futuras paisagens sócio-sexuais com suas fronteiras e mercados eróticos, com repercussões sobre a vida sexual de seus moradores.

Em 1960, Clarice Lispector acusou Brasília de ser uma cidade "assexuada" ([LISPECTOR](#) [1960] 2012:180). Entretanto, atualmente a capital brasileira abriga uma notória paisagem sócio-sexual: a avenida W3 Norte. Ao propor uma avenida comercial para a nova capital, Costa criou um futuro espaço imbricado na construção de sexualidades e corporalidades de seus usuários, no caso, prostitutas, travestis e seus clientes. Quando Costa escreveu seu relatório para o Plano Piloto de Brasília, tinha em mente uma avenida de comércio varejista, a "W3" - dividida em Norte e Sul - destinada para "instalação de garagens, oficinas, depósito de comércio em grosso" ([COSTA](#), 1962). Em direção ao Oeste, Costa previu



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

três vias paralelas à principal artéria do Plano Piloto, o Eixo Rodoviário: W1 (entre as quadras residenciais 100 e 300), W2 (entre as 300 e 500) e a W3 (entre as 500 e as 700). A Avenida W3 recebeu esse nome pelos construtores de Brasília por ser a terceira via a oeste do Eixo Rodoviário, estendendo-se paralela a este. Originalmente, Costa propôs que as quadras 700 fossem “uma terceira ordem de quadras, para floricultura, horta e pomar” (COSTA, 1962) e as 500, comerciais. Entretanto, em 1958 as quadras 700 tornaram-se os “Setores de Habitações Individuais e Geminadas” (SHIG) e outras alterações posteriores - como, por exemplo, a inserção dos “Setores de Habitações Coletivas e Geminadas” (SHICG) e dos “Setores Comerciais Residenciais Locais” (SCRL) na parte norte tornaram as metades da W3 distintas, não só em suas configurações físicas, mas também enquanto paisagens sócio-sexuais: se uma favoreceria a prostituição e pânicos morais episódicos, na outra não se observa profissionais do sexo em suas calçadas.

A partir de matérias de jornais, conversas com prostitutas, travestis e clientes, observação participante e análise espacial, o artigo propõe analisar o Plano Piloto de Brasília - particularmente o caso da W3 Norte - pelas perspectivas apresentadas pela Sociologia e a Geografia das Sexualidades em cruzamentos com a Teoria *Queer*. Assim, apresenta-se um olhar sobre a capital brasileira para além de uma análise estrita do ambiente construído e planejado, buscando compreender também o espaço urbano da cidade enquanto paisagem sócio-sexual que repercute nas representações sociais de grupos e indivíduos e nos modos como encontram parcerias sexuais. Com esse propósito, o artigo primeiro apresentará um panorama das contribuições de geógrafos, sociólogos e da Teoria *Queer* para a crítica arquitetônica, úteis não só para se pensar o papel do ambiente construído na construção de nossas sexualidades mas também a própria disciplina. Segundo, apresento os conceitos de paisagens sócio-sexuais delineado por Leticia Sabsay (2011) e o da “Teoria dos Mercados Sexuais” (LAUMANN *et al*, 2004) para, em seguida, analisar as particularidades da avenida W3 Norte pelas perspectivas apresentadas. Por fim analiso como as paisagens sócio-sexuais e os mercados sexuais de Brasília relacionam-se com as configurações espaciais-arquitetônicas da cidade e com suas repercussões nas subjetividades de indivíduos e grupos, imbricando-se na construção conjunta de identidades sociais, campos visuais e fronteiras sexuais no espaço urbano. O artigo conclui que, em uma cidade popularmente apontada como deserta à noite e na qual não há pessoas na rua, o caso da W3 Norte é um lembrete das possibilidades de subversão de conceitos normativos de espaço público, vida urbana e sexualidades.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

2. Espaço e sexualidade: um panorama

A sexualidade humana não se restringe aos nossos corpos. Conforme o filósofo [Merleau-Ponty](#) (1999), não haveria sexualidade fechada em si mesma, nos limites do corpo humano ([MERLEAU-PONTY](#), 1999:236). Essa é uma das premissas que geógrafos e sociólogos da sexualidade têm em comum: entender a sexualidade humana não só como um fato biológico estrito (a visão essencialista), mas também como uma construção social complexa de múltiplas dimensões, transcendendo os limites de nossas corporalidades (a visão construcionista). Para a socióloga Fran [Tonkiss](#) (2005) a sexualidade “não é definida pelos limites do corpo individual” envolvendo “relações sociais que estendem e são moldadas pelo espaço físico” ([TONKISS](#), 2005:94), sendo que nossa própria sexualidade pode ser considerada como uma “formação espacial”, não só porque habitamos espaços sexualizados, mas também porque os corpos são sexualizados pelas maneiras pelas quais habitamos esses espaços ([AHMED](#), 2006:67). Assim, ao entender que a sexualidade humana como “um complexo resultado de desenvolvimento, a consequência de um processo interativo de etiquetagem social e auto-identificação” ([EPSTEIN](#), 1996: 151) no qual tanto a linguagem ([CAMERON & KULICK](#), 2003) quanto o espaço físico também participam, os geógrafos e sociólogos abriram outras perspectivas para as consequências dos espaços urbanos sobre as corporalidades e subjetividades sexuais: a cidade, assim, não é neutra sexualmente.

As cidades são “espaços arquetípicos da sexualidade moderna” ([KNOPP](#), 1995:152). Os primeiros apontamentos sobre as relações entre espaços e sexualidade nascem com a modernidade urbana-industrial: em 1836, Alexandre Parent-Duchâtelet, higienista e reformador social, publicou um estudo sobre as prostitutas de Paris, considerado pioneiro em inter-relacionar sociologicamente sexualidades e espaços ([HUBBARD](#), 2012:43). A partir do final dos anos 1970, são publicados, nos Estados Unidos, estudos sobre guetos gays, migrações homossexuais e áreas de prostituição - como *The Gay Ghetto*, do sociólogo Martin P. [Levine](#) (1979) - que pavimentaram a consolidação dos campos epistemológicos da Geografia e da Sociologia das Sexualidades nas academias anglo-saxônicas. Para os geógrafos, não existem espaços fora das políticas sexuais, sendo tanto sexualidades quanto espaços resultados de negociações, imposições e subversões de normas sexuais e espaciais em escalas que abrangem do corpo ao transnacional ([BELL & VALENTINE](#), 1995; [PILE](#), 1996; [BROWNE & BROWN](#), 2007; [JOHNSTON & LONGHURST](#), 2010;).

Já para os sociólogos, tanto a sexualidade humana quanto o desejo erótico são construções sociais de múltiplas dimensões, do intrapsíquico ao global, resultantes do lócus ocupado pelo indivíduo e de suas interações sociais, que por sua vez, influenciam e sofrem



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

influências do ambiente construído, do espaço doméstico até a morfologia urbana [GAGNON & SIMON](#) [1975]2011; [LAUMANN et al](#), 2004; [TONKISS](#), 2005; [SABSAY](#), 2011; [GREEN](#), 2013). O espaço torna-se mais do que um pano de fundo para as interações sociais, fundamental no posicionamento de indivíduos nessas interações e também co-constitutivo de suas identidades. Ora, tanto o espaço quanto a sexualidade são, pelas perspectivas postas por geógrafos e sociólogos, artefatos culturais materializados no ambiente construído e nas corporalidades. Assim, podemos olhar para a cidade tanto como um campo de representações sociais das diversas sexualidades que a habitam quanto essas sexualidades são produzidas pelas formas que a cidade se organiza.

A Teoria *Queer*, alicerçada em um *corpus* teórico fundamentado no pensamento de Michel Foucault e de Judith Butler, veio somar-se à Geografia e Sociologia das sexualidades a partir dos anos 1990. Concentrando-se em críticas aos conceitos vigentes sobre as minorias (sexuais e/ou sociais, gênero e identidade) dos movimentos identitários dos anos 60 e 70 e estudando as margens do considerado "normal" (o abjeto, o estranho, o "desviado"), os teóricos *queers* têm como premissa que o corpo e a sexualidade são construções culturais que inserem indivíduos em lócus sociais e relações de poder que, por sua vez, produzem identidades sexuais enquanto discursividades manipuladas. Importante para a Teoria *Queer* foi o conceito de "performatividade" de Judith Butler ([1990](#), [1993](#)), para quem o sujeito é constituído por efeito, no corpo, da constante repetição de forças discursivas, de atos identificados com determinado gênero - ou identidade - sexual, em um processo de demarcação de limites e formas ([BUTLER](#), 1993: 10-11). Para Butler, o "gênero" é uma ficção cultural, construída por meio de uma estilização corporal feita por atos intermitentes, objetivando tornar o corpo legível dentro de uma "matriz" cultural que necessita identidades corporais determinadas para a própria existência desta matriz e inseri-las em estruturas de poder. Dessa forma, corpo e sexualidade seriam construções sociais contínuas.

A contribuição de Butler transbordou para a geografia e sociologia, acompanhando a emergência do corpo nas disciplinas a partir do final dos anos 1990. Por exemplo, os geógrafos - ao considerarem o corpo em si mesmo como um espaço, produto e produtor de espacialidades ([SOJA](#), 2000; [JOHNSTON & LONGHURST](#), 2010:21) - perceberam as implicações físicas da proposta butleriana, se interessando pela performatividade nos e dos espaços físicos, questionando se o espaço, antes de ser um fato *a priori* (assim como os gêneros), não seria também performatizado, realizado por repetição de práticas corporais que acabam por selar significados, comportamentos e identidades aos espaços, que não existiriam por si só, requerendo determinadas performances para poderem vir à tona ([GREGSON &](#)



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

ROSE, 2000; HUBBARD & KITCHIN, 2004; SILVA, 2009). Além disso, os geógrafos passaram a considerar diferenças espaciais - por exemplo, nas configurações urbanas - imbricadas com gênero, raça, formas corporais e orientações sexuais (SILVA, 2009:14). Já os sociólogos - particularmente os envolvidos com questões de gênero, corpo e sexualidade - familiarizados com Pierre Bourdieu (1987) e Norbert Elias (1994[1939]), ambos tendo no conceito de *habitus* importante ferramenta metodológica e teórica, perceberam as implicações da performatividade de Butler no pensamento sociológico: o corpo é ponto de ancoragem de identidades sexuais, de normatização, de inculcamento de regras, etiquetas e condutas por meio da repetição cotidiana de atos e comportamentos, por meio das interações sociais (WILLIAMS & BENDELOW, 1998; SHILLING, 2012; HOWSON, 2013; SABSAY, 2011).

A Teoria da Arquitetura também não ficaria imune ao pensamento de Judith Butler e a Teoria *Queer*. Por exemplo, Hilde Heynen (2005) converge para Butler, entendendo que gênero e sexualidade são produzidos pela repetição de forças discursivas que "são mantidas e suportadas por arranjos espaciais nos quais são cristalizadas (...) com implicações em termos de gênero" (HEYNEN, 2005: 25). Ainda, Heynen (2012), afirma que "a Teoria *Queer* poderia desafiar a teoria arquitetônica a confrontar paradigmas espaciais que parecem reforçar a robustez da 'normalidade', uma vez que a arquitetura solidifica normas sociais e regulamentos institucionais em pedra" (HEYNEN & WRIGHT, 2012:53). Os diálogos entre Teoria *Queer*, sexualidade, arquitetura e urbanismo foram fecundos nas últimas três décadas, não sendo possível, neste artigo, abarcar toda a implicação teórica da produção acadêmica (COLOMINA, 1992; SANDERS, 1996; AGRESTI, 1996; BETSKY, 1995, 1997; LEAP, 1999; GROSZ, 2001; BONNEVIER, 2007; PRECIADO, 2010; DOAN, 2011, 2015; GORNY & VAN DEN HEUVEL, 2017). Em comum nesse corpus teórico, está o entendimento de que, se as sexualidades transcendem do corpo para o espaço e que também são produtos de arranjos espaciais, a arquitetura - como a disciplina manipuladora de espaços por excelência - não é neutra sexualmente. Assim, desde o planejamento urbano até o design de interiores, passando por nossas ocupações dos espaços urbanos e como esses são corporificados em nós, a arquitetura está implicada nas maneiras como performatizamos nossas identidades e corporalidades, configurando fronteiras, paisagens e imaginários sexuais.

Os espaços urbanos abrigam hierarquias sexuais e de desejos eróticos: "a cidade é um mapa da hierarquia do desejo, do valorizado ao estigmatizado" (CALIFIA, 1994:216). Nesse mapa hierárquico, fronteiras entre sexualidades e corpos são traçadas, ora imaginariamente, ora explicitamente: para Sabsay (2011) é através dessas fronteiras que "se espacializa a distribuição diferencial da legitimidade da diversidade sexual, mas ao mesmo tempo se



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

sexualiza diferencialmente a trama urbana e seu imaginário sexual” ([SABSAY](#), 2011:72). A cidade estabelece campos visuais, territórios, espaços em correlação com o jogo das identidades e dos corpos, demonstrando a implicação mútua entre espaço, identidade e sexualidade. Ainda conforme Sabsay, as fronteiras sexuais “não só organizam, classificam e hierarquizam as práticas sociais, senão que operam de forma pré-formativa, interpelando os distintos sujeitos sociais” ([SABSAY](#), 2011: 72). Fundamentando-se em Butler, Sabsay considera que essas fronteiras são performatizadas. Desta forma, as fronteiras das paisagens sócio-sexuais de uma cidade acabam por participar do imaginário de cada identidade social. Assim, podemos entender que a espacialização da sexualidade no tecido urbano de Brasília, por exemplo, não só é resultante de negociações entre espaços e grupos sexuais mas também de interpelações daqueles sujeitos por essas mesmas espacializações.

Dessas interpelações e espacializações surgem os “mercados sexuais”, resultado de negociações sociais, interações face a face, “*scripts* sexuais” ([SIMON & GAUGNON](#) [1975] 2011), relações de grupos e indivíduos com seus corpos e com o ambiente construído ao seu redor, fazendo da cidade, mais do que um ilimitado campo de possíveis parcerias sexuais, conjunto de arenas que restringem e influenciam a vida sexual de seus moradores. Para [Laumann et al](#) (2004), os mercados sexuais são constrangidos por quatro fatores sociais: espaço físico, cultura sexual, redes sociais e organizações em diferentes níveis de institucionalização ([LAUMANN et al](#), 2004:18). O espaço acaba por estruturar os mercados sexuais de duas maneiras: delimitando os limites geográficos e organizando os mercados fisicamente, tornando assim o espaço sexualizado e sinalizando as possíveis interações sexuais que podem ser encontradas nesses espaços ([LAUMANN et al](#), 2004: 19-22). Ainda, esses mercados acabam sendo regulados, coletivamente, pela existência de “culturas sexuais internas”, ou seja, um conjunto de “*scripts* que informam e guiam comportamentos sexuais, preferências e identidades dentro de um mercado” ([LAUMANN et al](#), 2004:22). Assim, as escolhas afetivo-sexuais dos indivíduos, em tese “livres”, são “canalizadas pelas redes sociais, organizações, culturas e espaços nos quais atuam” sugerindo que a vida sexual, mais do que um carácter distintivo do indivíduo, é dependente do posicionamento deste em uma cadeia de culturas, grupos, interações, espaços físicos e sociais. ([LAUMANN et al](#), 2004:32).

3. O caso da W3 Norte

Os primeiros trabalhos acadêmicos sobre prostituição em Brasília que citavam a W3 Norte surgem a partir da segunda metade da década de 1990 e início dos 2000 e indicavam a hierarquia da prostituição no Plano Piloto: os programas mais baratos eram ofertados no Eixo



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

Rodoviário, durante o dia, nos arredores do Setor de Diversões Sul, à noite; os mais caros estavam concentrados no Setor Hoteleiro Sul, ao passo em que os da W3 Norte eram medianos ([CARVALHO & SOUZA, 1995](#); [RODRIGUES, 2003](#); [SANTOS, 2004](#)). Em sites de avaliações de garotas de programa - que surgiram no início dos anos 2000 - foi popularizado o termo "muquifo padrão Asa-Norte", sinônimo de quitinetes baratas nas quais eram realizados programas sexuais, comuns nas quadras de uso misto comercial e residencial da região. A revelação de prostituição de luxo dentro do Congresso Nacional, nas quitinetes do bairro de classe média alta Sudoeste (construído a partir de 1993) e em pontos específicos da Asa Sul demonstraram o topo da hierarquia do trabalho sexual brasileiro. Entretanto, a ocupação das ruas por profissionais do sexo é ostensiva apenas na Asa Norte, o que confronta "noções normativas de espaço público e de cidadão adequado a este", característica das paisagens sócio-sexuais dedicadas ao trabalho sexual, formadas a partir de uma co-constituição de campos visuais, espaciais, morais e identitários excludentes que incidem sobre os sujeitos ([SABSAY, 2011:70](#)).

A constituição da avenida W3 Norte como uma paisagem sócio-sexual e parcela do mercado sexual estruturado pelo Plano Piloto de Brasília deve-se não só a lógicas internas próprias da prostituição mas também ao espaço urbano local ([RODRIGUES, 2003](#); [TEIXEIRA, 2013](#)). Mudanças na legislação permitiram o uso comercial nos dois lados da avenida - ao contrário da W3 Sul - adensando fisicamente o lado oeste ([TURKIENICZ & COMAS, \[1992\] 2012:351](#)) implantando três fileiras de edifícios de três andares destinados a lojas, oficinas e moradias, afastando as residências unifamiliares da avenida e criando os já citados SHCGN e SCLRN ([Figura 1](#)). O adensamento ofertou imóveis de baixo padrão construtivo, desvalorizados pela presença de oficinas mecânicas e percepção de insegurança devido aos espaços mal articulados e becos entre as três fileiras de edifícios e bolsões de estacionamento, resultando em aluguéis baixos. Por sua vez, oferta de moradia barata favoreceria a escolha de profissionais do sexo pela região, já que, para o geógrafo Phil [Hubbard](#) (2012) a presença de prostituição ao nível das ruas tende a refletir o preço dos imóveis locais ([HUBBARD, 2012: 33](#)). Outros fatores, como os espaços sob as marquises dos edifícios e a implantação desses alinhados a estacionamentos adjacentes à W3, seriam importantes na utilização da avenida pela prostituição e serão analisados posteriormente.

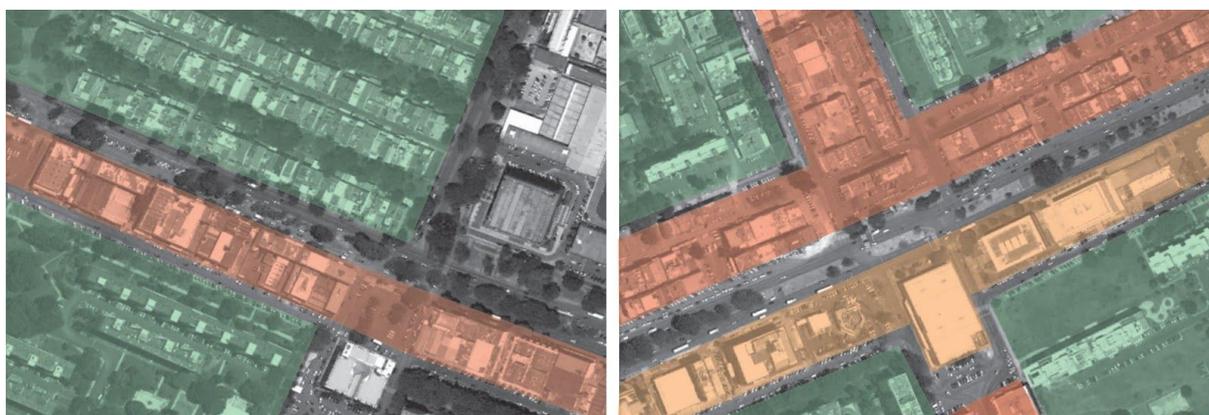


Figura 1: W3 Sul à esquerda, W3 norte à direita. Em verde, áreas estritamente residenciais. Em vermelho, uso misto. Em laranja, uso exclusivo comercial. Note-se o maior adensamento de edificações na parte oeste da W3 norte. Fonte: Google Maps. Intervenções do autor.

Foi após 1991 que deu início a primeira fase da prostituição na região, quando inaugurou-se a Queens, boate de um casal de coreanos famosa por favorecer a prostituição feminina. A fama da boate acabou atraindo centenas de garotas de programa que ocupariam toda a via de acesso ao "Setor Comercial Local Norte" (SCLN) 314/315 - onde a boate se localizava - e parte do SCRN 714/715 durante as madrugadas. A ocupação gerou a primeira onda de pânico moral nos moradores das quadras residenciais adjacentes, que organizaram abaixo-assinados e manifestações pedindo o fechamento da boate e combate à prostituição, o que veio a ocorrer em 1996. A partir do fechamento da Queens, tem-se o início da segunda etapa, quando as prostitutas permaneceram na SCLN 314/315 resistindo às investidas policiais e causando protestos das vizinhanças: "o grande número de mulheres que se concentrava nas calçadas (...) para oferecer seus serviços sexuais (...) havia se consolidado e persistiu após a extinção da casa" (RODRIGUES, 2003:314). Em um exemplo do que Hubbard (2012:61) define como o medo do "contágio moral" dos espaços "familiares" (onde, em tese, seriam dominantes as relações heterossexuais monogâmicas) por meio de estratégias espaciais, lia-se em faixa escrita por moradores da quadra 713 Norte, em 2012 (Figura 02):

Nós moradores da 713 norte, pedimos socorro urgente às autoridades. Garotas de programa invadem nossas residências, hoje elas usam nossas marquises (sic) como motéis, amanhã elas nos expulsam de nossas casas e usam nossas camas.

Conforme Marlene Rodrigues (2003) é a "abjeção" que marca o imaginário social sobre a prostituição "um dos principais impulsionadores dos conflitos ocorridos entre segmentos da sociedade brasiliense e as prostitutas", desejosa em afastar "do seu campo de

visão diário” o comércio sexual (RODRIGUES, 2003: 32), ou seja, estabelecer fronteiras sexuais com respectivos campos visuais que delimitem as paisagens sócio-sexuais da cidade a as identidades relacionadas.



Figura 2: Faixas de moradores protestando contra a prostituição. Fonte:

<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/04/moradores-de-brasilia-usam-faixas-para-reclamar-d-e-prostituicao.html>. Acessado dezembro de 2017.

A terceira etapa consolidou a inserção da W3 Norte como paisagem sócio-sexual do Plano Piloto de Brasília, quando a prostituição saiu da SCLN 314/315 e se espalhou por toda a extensão da avenida, desde a quadra 714 até a 702, com prostitutas e travestis ocupando pontos de ônibus e calçadas sob as marquises dos edifícios. Segundo Gustavo Capela (2013), ao descrever sua pesquisa etnográfica com prostitutas locais:

Ao chegar na 315 (norte), não encontrei nenhuma prostituta. Fui perguntar a alguns amigos meus que tinham mais contato com a prostituição e eles me revelaram que houve uma mudança. Agora toda a W3 norte tinha prostitutas (CAPELA, 2013:131).

Certas características espaciais da W3 Norte favoreceriam a prostituição: primeiro, a presença dos espaços públicos mal articulados e marginais entre os edifícios criados nos SHCGN e SLRN (o que permite a realização de programas em carros ou a pé); segundo, a existência de estacionamentos em frente aos blocos de uso misto (facilitando o contato do



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

cliente motorizado com profissionais do sexo); terceiro, a permissão de espaços comerciais (possibilitando a existência de “pousadas” destinadas aos encontros sexuais) e, por fim, a proximidade entre moradia e local de trabalho (quitinetes mais afastadas ficam a cinco minutos de caminhada da avenida).

Devido à proximidade das quitinetes da avenida, profissionais do sexo geralmente trabalham ou em frente à residência ou próximo à alguma pousada. A utilização do ponto na calçada por vezes está vinculada ao aluguel de imóvel próximo: conforme a prostituta “Vivi” me informou, em 2013: “Só posso fazer ponto debaixo de quitinete se eu alugá-la”. Profissionais do sexo ocupam, em grupos ou solitariamente a distâncias negociadas entre prostitutas e cafetões, paradas de ônibus ou calçadas sob as marquises dos edifícios. Fazem desses espaços “vitrines”, exibindo-se para potenciais clientes. Têm preferência as marquises em frente a bolsões de estacionamentos e as paradas de ônibus porque permitem rápidas saídas da pista principal da W3 para abordagens pelo cliente motorizado, que negocia o serviço sem atrapalhar o trânsito ou chamar atenção. Caso fechado o negócio, ou descem do carro e caminham em direção ao local de atendimento ou seguem de carro até uma pousada ou quitinete próxima. Às vezes, o serviço é prestado no espaço público, atrás das paradas de ônibus ou nos espaços residuais entre os edifícios, becos e estacionamentos dos SCRLN e SHCGN.

A emergência da paisagem sócio-sexual da W3 Norte se dá concomitantemente ao desmonte de antigas fronteiras sexuais no Plano Piloto, como o Setor Comercial Sul (SCS) e o adjacente Setor de Diversões Sul (SDS). Lúcio Costa, em seu relatório, previu centros boêmios para a nova capital, concentrados nos “Setores de Diversões”, áreas que seriam uma “mistura em termos adequados de *Piccadilly Circus*, *Times Square* e *Champs Elysées*” dispostas de forma a propiciar “ambiente adequado ao convívio e à expansão” (COSTA, 1962). Desses setores, o Sul se estabeleceu - já na década de 1970 - como território de prostituição de mulheres, homens e travestis e referência na geografia sexual brasiliense, devido os inúmeros cinemas pornôis, boates, saunas, casas de massagens e bares. Entretanto, diversos fatores - como programas de revitalização dos setores centrais de Brasília, passando pela “Operação Moralização de Áreas Públicas” de 2007 (MACDOWELL, 2011), a emergência dos sites de compartilhamento de vídeos pornográficos e dos aplicativos de geolocalização por telefones celulares para parcerias sexuais - podem ser apontados como responsáveis pelo desmonte dessa antiga paisagem sócio-sexual.

A “revitalização” do Setor de Diversões Sul foi letal para as subculturas sexuais que ali se abrigaram desde os anos 1970. A partir de 1999, a fim de reverter o estigma de local imoral



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

e perigoso, sob o argumento da segurança pública e do combate ao tráfico de drogas e exploração sexual, iniciam-se os esforços de revitalização do Setor Comercial Sul ([NUNES](#), 2009). Entretanto, o discurso da segurança pública (e o da “revitalização” urbana) pode ser acusado de conservador, fundamentado em um implícito pressuposto de que contatos entre classes e sexualidades diferentes seria perigoso e que a promiscuidade (sexual ou não) entre corpos no espaço urbano seria arriscada ([SMITH](#), 1996; [DELANY](#), 1999). Similar ao ocorrido em outras cidades onde discursos semelhantes foram implantados - por exemplo a revitalização de Times Square na Nova York do prefeito Rudolph Giulliani de 1993 a 2001 ([DELANY](#), 1999:164) - a antiga paisagem sócio-sexual dos setores centrais sul de Brasília teve interrompidas suas culturas sexuais, sob o argumento de requalificação urbana: em 1995, fechou-se a primeira boate gay de Brasília (inaugurada em 1974) - a New Aquarius - e em 2005, o último cinema pornô, o Ritz. A partir de 2015, intervenções urbanas e reforço na iluminação pública expulsaram travestis remanescentes do Setor Comercial Sul. Assim, a W3 Norte constitui-se como nova paisagem sócio-sexual, na medida em que profissionais do sexo abandonavam os requalificados Setor de Diversões e o Comercial Sul. Entretanto, mesmo com a requalificação, as áreas centrais sul do Plano Piloto continuam sendo um dos “pontos críticos” de segurança pública em todo o Distrito Federal.

A percepção de segurança na W3 Norte é maior do que no Setor Comercial Sul, de acordo com travestis e prostitutas com quem conversei. Para “Vanessa”, travesti que há 12 anos faz programas sexuais no Plano Piloto de Brasília, o Setor Comercial Sul ficou “muito iluminado e vazio, e pior, os ‘cracudos’ (usuários de crack) não foram embora”. Monofuncional, o Setor Comercial Sul não abriga nenhuma atividade noturna - com exceção de um espaço de eventos, uma boate e uma sauna gay com festas esporádicas - ficando vazio a partir das 22:00. Já a W3 Norte, apesar de não ter atividades noturnas (com exceção de quiosques de cachorro-quente) é de uso misto residencial e comercial: lojas no térreo e quitinetes nos pavimentos superiores, proporcionando o que [Jane Jacobs](#) ([1961] 2011) chamou de “olhos para as ruas” ([JACOBS](#) [1961] 2011:35), aumentando a percepção de segurança pelas prostitutas e travestis. Além disso, a W3 Norte apresenta outro fator apontado por Jacobs como importante na sensação de segurança: “usuários transitando ininterruptamente” ([JACOBS](#) [1961] 2011:36), possibilitando não só potenciais clientes como olhos vigilantes. Como disse “Teodora”, prostituta, em 2017: “sempre tem carro passando, tem gente morando em cima ou tem os *boys* do cachorro-quente (...) qualquer coisa tem pra onde correr”. No mesmo sentido, a fala de Vanessa, em 2016, relata:



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

Lá no Setor Comercial não 'tava' mais batendo porta porque os caras deixaram de ir lá (...) Aí você ficava sozinha no meio do nada, sem ganhar 'aquê', sem 'atender' ninguém, perigando ser assaltada por um 'noiado' e ainda tinha que pegar um taxi ou esperar o ônibus as cinco da manhã pra voltar pra casa. Aqui não, me 'monto', vou pra pista e ainda atendo perto de casa...

4. Da W3 ao corpo, do corpo à cidade.

Prostitutas e travestis, durante as madrugadas, proporcionam às siglas e aos números dos endereços da W3 Norte outros significados. Sem corpos para utilizá-lo, um espaço é apenas "matemático": para torná-lo "vivido" é necessário ser pano de fundo para as subjetividades de seus usuários, de acordo com o filósofo Otto Bollnow ([BOLLNOW](#), 2008:17). Ainda, pela perspectiva apresentada por [Sabsay](#) (2011), se entendermos o trabalho sexual também como uma "atividade performativamente instituída" cuja consequência é a discussão de "modos corretos e incorretos nos quais indivíduos deveriam relacionar-se com o desejo dentro do espaço urbano" ([SABSAY](#), 2011: 111, 109), as paisagens sócio-sexuais performatizadas por profissionais do sexo acabam por se torna-se vividas e co-constitutivas tanto de suas subjetividades quanto do imaginário sexual da cidade. Para Sabsay, a performatividade do trabalho sexual ao nível da rua é indissociável do imbricamento entre espaço, corpo e subjetividade. [Hubbard](#) (2012) entende que profissionais do sexo vendem uma performance, estilizam - em atos cotidianos - tanto seus corpos quanto os espaços urbanos, sexualizando a cidade e confrontando noções normativas de espaço público ([HUBBARD](#), 2012:34-36). Assim, sem prostitutas, travestis e seus clientes, as SHCGN 700 são apenas cartografia: com seus corpos e subjetividades, tornam-se "a" W3 Norte, território, fronteira, paisagem sexual associada às suas identidades sociais e individuais.

A associação de identidades a espaços na configuração de paisagens sócio-sexuais é exemplificada nos conflitos dos moradores das quadras residenciais com a prostituição na região da W3 Norte. Em sua tese de doutorado, [Marlene Teixeira Rodrigues](#) (2003) apresenta como as articulações entre moradores, polícia e mídia estavam implicadas na construção tanto de identidades - como as "filhas" dos vizinhos, "famílias", "buscadores de sexo" e prostitutas - quanto de ideais normativos de comportamentos no espaço público. Ao desestabilizar definitivamente "o zoneamento oficioso da prostituição pública que vigorara na cidade (...) e que definia como local aceitável o Setor de Diversões Sul" ([RODRIGUES](#), 2003:314), a prostituição - inicialmente na entrequadra 314/315 Norte e depois em toda a W3 Norte - tornou-se vizinha dos moradores das superquadras brasilienses. [Sabsay](#) (2011) sugere que a própria palavra "vizinho" está implicada na "sexualização diferencial do espaço urbano" e na "produção normativa de fronteiras identitárias", já que o vizinho é uma "identificação e



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

pertencimento imaginário” a uma vizinhança, a uma cidade, enquanto a prostituta e o travesti são entendidos como intrusos e pertencentes aos espaços das ruas ([SABSAY](#), 2011: 150). Desta maneira, na escala residencial de Brasília, materializada nas superquadras, o vizinho é identificado com a vida familiar, enquanto prostitutas e travestis - ainda que morem na mesma quadra - são vistos como possíveis desestabilizadores de noções normativas de família, sexualidade e do espaço público urbano com suas fronteiras.

O “muquifo padrão Asa Norte” e os apartamentos das superquadras residenciais tornam-se, assim, um dos suportes arquitetônicos para a construção de identidades sociais: um, espaço de prostitutas, travestis e buscadores de sexo; outro, da vida familiar, em tese monogâmica e heterossexual. Esses suportes arquitetônicos são apenas alguns dos que estruturam o mercado sexual mais amplo contido no Plano Piloto de Brasília, por sua vez resultado não só de visões acerca da vida em família, comunidade e urbana preconizadas por Costa em 1957 quanto das dinâmicas entre subjetividades, corpos, ambiente construído e instituições atuando sobre a capital desde sua inauguração. Conforme [Magno da Silva](#) (2008), as escolhas arquitetônico-urbanísticas - combinadas com a morfologia social - que conformaram Brasília acarretaram silenciosas repercussões ontológicas nos indivíduos da capital, como a fragilidade das identidades, na identificação sócio espacial e insulamento social ([DA SILVA](#), 2008: 37). Essas escolhas teriam implicações na constituição do mercado sexual brasiliense, já que este é dependente, conforme apontado por [Laumann et al](#) (2004), das configurações espaciais urbanas e de suas relações com grupos sociais, instituições, gênero, orientação sexual, idade. Neste aspecto, Brasília é acusada de ser uma cidade difícil para pessoas solteiras: “a capital da solteirice”, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - que apontam para o maior índice de pessoas solteiras do Brasil - apresentados matéria no site da revista *Veja* em 2013. Conforme a matéria, a configuração espacial de Brasília tem implicação direta nas possibilidades sexuais e afetivas de seus moradores: as distâncias físicas e “o isolamento dos habitantes está diretamente relacionado ao fato de Brasília ser uma cidade de setores”, tornando o brasiliense individualista e solitário ([CAMPBELL](#), 2013).

A Teoria *Queer*, a geografia e a sociologia das sexualidades, em seus enlances, propõem que a sexualidade humana é uma construção contínua e multidimensional, não contida no corpo individual, transcendendo para o ambiente construído que, por sua vez, é reflexo de negociações sexuais também em múltiplos níveis. Neste aspecto, converge para a Teoria dos Mercados Sexuais de [Laumann et al](#) (2004), que entende a sexualidade humana nem “controlada por instituições e organizações nem produto da escolha individual” e sim



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

constrangida por “culturas, estruturas, espaços e redes de sociabilidade”, resultando em uma “economia cultural e estruturação sexual da sexualidade” que incide sobre a vida sexual dos indivíduos (LAUMANN et al, 2004:359). Se, para [Antonio Risério](#) (2012) ser brasileiro é um “caso muito raro de identificação entre cidadão e forma urbana” ao “adotar e assumir a grelha brasileira” (RISERIO, 2012:147), as implicações da morfologia urbana de Brasília sobre a sexualidade de grupos e indivíduos abre-se para discussões, pois se as distâncias físicas refletem no isolamento individual, isto pode ser tanto restritivo na vida sexual de alguém quanto torná-la mais liberta de convenções hegemônicas sobre sexualidade, já que as cidades são resultados da projeção de fantasias sexuais, desde as individuais aos da própria nação (GROSZ, 1995). Assim, a grelha brasileira, adotada pois pelos seus moradores, acabaria não só por repercutir em suas sexualidades e corporalidades, mas também nas no imaginário erótico-sexual citadino, com suas paisagens sócio-sexuais e fronteiras.

Como resultado da influência dos preceitos urbanísticos contidos na Carta de Atenas no traçado de Lucio Costa, Brasília acabou tendo seu espaço urbano setorizado e monofuncional. De um lado, os espaços para a vida em família (as superquadras), do outro, os espaços restritos ao trabalho (os setores comerciais, de autarquias, bancários). Uns vazios durante o dia, outros abandonados à noite. Ora, se entendermos o encontro com o Outro, com pessoas no espaço urbano, também como erótico, conforme [Roland Barthes](#) (1997) e [Fran Tonkiss](#) (2005), o que se apresenta é uma cidade deserotizada, onde as interações face-a-face são minimizadas. Em uma cidade popularmente acusada de não ter gente andando nas ruas e deserta à noite, a W3 Norte torna-se, pois, um espaço de subversão: corpos expostos, gente andando, interações sociais, vida durante a noite, sexualização do espaço público, contestação dos horários de funcionamento da vida urbana. Neste aspecto, pode-se dizer que a W3 Norte é não só um local de vida erótica dentro do Plano Piloto de Brasília, mas também de vida urbana: encontro com o diferente, com o questionamento das fronteiras espaciais e identitárias, da mistura de gente, classes, corpos, gêneros e orientações sexuais, dos campos visuais que estabelecem as paisagens sócio-sexuais citadinas. Desta maneira, os esforços em se erradicar a prostituição - não só na W3 mas também em casos similares - apresentam-se como contraditórios esforços em se ocultar o que há de mais urbano nas cidades. Afinal, “o bordel seria a razão de ser da cidade moderna. A cidade moderna é o bordel” (PRECIADO, 2008:196).



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

Referências

- AGREST, Diana; CONWAY, Patricia; WEISMAN, Leslie Kanes (1996). **The Sex of Architecture**. Nova York: Harry N. Abrams.
- AHMED, Sara (2006). **Queer phenomenology: orientations, objects, others**. Londres: Duke University Press.
- AHUALLI, Iyaromi Feitosa (2017). **A avenida W3 e suas encruzadas: uma etnografia acerca das diversas concepções sobre o conceito de cidadania no contexto da prostituição**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília.
- ALMEIDA, Kelly; BITTAR, Bernardo (2015). Mercado de prostituição de luxo em Brasília não fica restrito somente à ficção. **Estado de Minas**, fevereiro de 2015. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2015/02/02/interna_nacional,613968/mercado-d-e-prostituicao-de-luxo-em-brasilia-nao-fica-restrito-somente-a-ficcao.shtml. Acessado em dezembro de 2017.
- BARTHES, Roland (1997). Semiology and the urban. In. LEACH, Neil. **Rethinking Architecture: a reader in cultural theory**. Nova York: Routledge,.
- BELL, David; VALENTINE Gill (ed.) (1995). **Mapping Desire: geographies of sexualities**. Nova York, Routledge.
- BENDELOW, Gillian A.; WILLIAMS, Simon J (1998). **The lived body: Sociological themes, embodied issues**. Routledge.
- BETSKY, Aaron (1995). **Men, Women, Architecture and the Construction of Sexuality**. Nova York: Harper Perennial
- BETSKY, Aaron (1997). **Queer Space: Architecture and Same-Sex Desire**. Nova York: Morrow.
- BOLLNOW, Otto Friedrich (2008). **O homem e o espaço**. Ed. UFPR.
- BONNEVIER, Katarina (2007). **Behind straight curtains: towards a queer feminist theory of architecture**. Estocolmo: Axl Books.
- BOURDIEU, Pierre (1987). What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal of Sociology**, v. 32, p. 1-17, 1987.
- BUTLER, Judith (1990). **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge.
- _____ (1993). **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. Nova York: Routledge.
- BROWNE, Kath. LIM, Jason. BROWN, Gavin. (2007) **Geographies of sexualities: theory, practices and politics**. Ashgate: Farham.
- CALIFIA, Pat (1994). **Public Sex: the culture of radical sex**. San Francisco, Cley Press.
- CAMERON, Deborah; KULICK, Don (2003). **Language and sexuality**. Cambridge University Press.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

- CAMPBELL, Ullisses (2013). O Bloco do Eu Sozinho. **Veja Brasília**, novembro de 2013. Disponível em <http://vejabrasilia.abril.com.br/materia/gente/o-bloco-do-eu-sozinho/>. Acessado em dezembro de 2017.
- CAPELA, Gustavo (2013). **O Direito à Prostituição**: Aspectos de Cidadania. Dissertação (Mestrado em Direito) Universidade de Brasília.
- CARONE, Carlos (2015). Boate Vegas, com prostitutas de luxo, abre as portas na 403 Sul. **Metrópoles**, novembro de 2015. Disponível em <https://www.metropoles.com/distrito-federal/boate-vegas-com-prostitutas-de-luxo-abre-as-portas-na-403-sul>. Acessado em dezembro de 2017.
- CARVALHO, Adalberto Grassi, SOUZA, Márcia Vasconcellos (1995). **Trabalho Etnográfico: A Prostituição na entrequadra 314/315 Norte**. Brasília, Universidade de Brasília.
- COLOMINA, Beatriz (1992).. **Sexuality and Space**. Nova York: Princeton Architectural Press.
- COSTA, Lucio (1962). Relatório do Plano Piloto de Brasília. In **Sobre Arquitetura**. Porto Alegre: Ed. FAURS.
- DELANY, Samuel R (1999). **Times Square Red, Times Square Blue**. Nova York, New York University Press.
- DOAN, Petra L. (Ed.) (2011). **Queering Plannig**: challenging heteronormative assumptions and reframing planning practice. Ashgate: Farham.
- DOAN, Petra L. (Ed.) (2015). **Planning and LGBTQ communities**: The need for inclusive queer spaces. Routledge.
- ELIAS, Norbert (1994 [1939]). **O Processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- EPSTEIN, Steven (1996). **A queer encounter: sociology and the study of sexuality**. In. SEIDMAN, Steven (Ed.). **Queer Theory/Sociology**. Cambridge: Blackwell,.
- GAGNON, John H.; SIMON, William (2011). **Sexual conduct**: the social sources of human sexuality. Transaction Publishers.
- GORNY, Robert Alexander; VAN DEN HEUVEL, Dirk (2017). **New Figurations in Architecture Theory**: From Queer Performance to Becoming Trans. FOOTPRINT, v. 11, n. 2, p. 1-10, 2017.
- GREEN, Adam Isaiah (Ed.) (2013). Sexual fields: Toward a sociology of collective sexual life. University of Chicago Press.
- GREGSON, Nicky; ROSE, Gillian (2000). **Taking Butler elsewhere**: performativities, spatialities and subjectivities. In. Environment and Planning d: Society and Space. 2000. vol. 18.
- GROSZ, Elizabeth (1995). **Space, time and perversion**: essays on the politics of bodies. Nova York: Routledge.
- GROSZ, Elizabeth (2001). **Architecture from the outside**: Essays on virtual and real space. Cambridge: MIT Press.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

G1 DF. Moradores de Brasília usam faixas para reclamar de prostituição. **G1 DF**, abril de 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/04/moradores-de-brasilia-usam-faixas-para-reclamar-de-prostituicao.html>. Acessado em dezembro de 2017.

HEYNEN, Hilde; BAYDAR, Gulsum (eds.) (2005). **Negotiating domesticity: Spatial productions of gender in modern architecture**. Nova York: Routledge.

HEYNEN, Hilde; WRIGHT, Gwendolyn (2012). Introduction: shifting paradigms and concerns. In CRYSLER, C. Greig; CAIRNS, Stephen; HEYNEN, Hilde (Eds.) **The SAGE handbook of architectural theory**. Londres: SAGE,.

HOWSON, Alexandra (2013). **The body in society: An introduction**. John Wiley & Sons.

HUBBARD, Phil (2012). **Cities and sexualities**. Nova York: Routledge.

HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob (2004). **Key Thinkers on Space and Place**. Londres: Sage.

JACOBS, Jane (2011). **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Maria Estela Helder Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes.

JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn (2010). **Space, place and sex: geographies of sexualities**. Lanham: Roman & Littlefield Publishers.

KNOPP, Lawrence (1995). Sexuality and urban space. In BELL, David; VALENTINE Gill. **Mapping Desire**. Nova York, Routledge.

LAUMANN, Edward O. et al (2004). **The sexual organization of the city**. University of Chicago Press.

LEAP, William L. (Ed.) (1999). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press.

LEVINE, Martin P (1979). **Gay ghetto**. *Journal of Homosexuality*, v. 4, n. 4, p. 363-377.

LISPECTOR, Clarice (2012). Nos primeiros começos de Brasília. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify.

MACDOWELL, Pedro de Lemos (2011). **O espaço degenerado: ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista**. 99 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) -Universidade de Brasília, Brasília.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1999). **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes.

NUNES, Brasilmar Ferreira. (2009) **Elementos para uma sociologia dos espaços edificados: o "Conic" no Plano Piloto de Brasília**. In *Cadernos Metrôpole*, número 21.

PILE, Steve (1996). **The body and the city: psychoanalysis, space and subjectivity**. Nova York: Routledge.

PINHEIRO, Mirelle (2016). "Não é novidade. É rotina" diz deputado sobre prostituição na câmara. **Metrôpoles**. Disponível em <https://www.metropoles.com/distrito-federal/nao-e-novidade-e-rotina-diz-deputado-sobre-prostituicao-na-camara>. Acessado em dezembro de 2017.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651562

- PRECIADO, Beatriz (2008). **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa.
- PRECIADO, Beatriz (2010). **Pornotopia**: arquitetura y sexualidad en "Playboy" durante la guerra fria. Madrid: Anagrama.
- RISÉRIO, Antonio (2012). **A cidade no Brasil**. Editora 34.
- RODRIGUES, Marlene (2003). **Polícia e prostituição feminina em Brasília—Um caso de estudo**. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Sociologia, UnB, Brasília.
- SABSAY, Leticia (2011). **Fronteras Sexuales**: espacios urbanos, cuerpos e ciudadanía. Buenos Aires: Paidós.
- SANDERS, Joel (1996). **Stud**: architectures of masculinity. Nova York: Princeton Architectural Press.
- SANTOS, Sérgio Luiz Souza (2004). **Cama de Hotel**: Prostituição e Meios de Hospedagem em Brasília.. Monografia (Especialização em Gestão de Marketing do Turismo). Universidade de Brasília, Brasília.
- SHILLING, Chris (2012). **The body and social theory**. Sage.
- DA SILVA, Inaê Elias Magno (2008). **Utopia e silêncio**: vida pedestre, imagem e emoção em Brasília. Revista Cronos, v. 9, n. 1, 2008.
- SILVA, Joseli Maria (org.) (2009). **Geografias subversivas**: discurso sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Toda palavra.
- SMITH, Neil (1996). **The new urban frontier**: Gentrification and the revanchist city. Psychology Press.
- SOJA, Edward (2000). **Postmetropolis**: Critical Studies of Cities and Regions. Wiley.
- TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. (2013) **Presença Incômoda**: corpos dissidentes na cidade modernista. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília.
- TONKISS, Fran (2005). **Space, the city and social theory**: social relations and urban form. Cambridge: Polity Press.
- TURKIENICZ, B.; COMAS, C. E. (2012). **Brasília, história e análise**. Brasília-antologia crítica, p. 384-354.
- XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (2012). **Brasília**: Antologia Crítica. São Paulo: Cosac Naify.